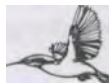


DA *DECIFRAÇÃO*
EM TEXTOS MEDIEVAIS

IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação

Ana Paiva Morais
Teresa Araújo
Rosário Santana Paixão



Edições Colibri

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação

Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, 4, Lisboa, 2002

Da decifração de textos medievais / IV Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval ; coord. Maria Teresa Alves de Araújo, Maria do Rosário Carmona E. S. Paixão, Ana Paiva Morais. - (Extra-colecção)

ISBN 972-772-425-6

I - Araújo, Maria Teresa Alves de, 1960-

II - Paixão, Maria do Rosário Carmona Esteves Santana, 1956-

III - Morais, Ana Paiva, 1956-

IV - Associação Hispânica de Literatura Medieval, Secção Portuguesa

CDU 821.134.2.09"04/14"

821.134.3.09"04/14"

821.133.1.09"04/14"

061.3

Título: Da *Decifração* em Textos Medievais
IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação: Ana Paiva Morais, Teresa Araújo
e Rosário Santana Paixão

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal n.º 201 330/03

Tiragem: 1.000 exemplares

Lisboa, Novembro de 2003

**ENTRE DECIFRAR E TRADUZIR:
CONSTITUIÇÃO DE UMA RETÓRICA
DE DECIFRAÇÃO NA VERSÃO PORTUGUESA
DA *DE VITA CHRISTI* OU DE LUDOLFO DE SAXÓNIA**

Elsa Maria Branco da Silva
(Universidade de Lisboa)

A *De Vita Christi*, diferentemente do que o título possa a priori sugerir, não é propriamente uma obra de cariz biográfico, mas, sim, um tratado de meditação da vida de Cristo. Esta ideia tem sido repetida com alguma frequência pela maior parte dos estudiosos. Embora não deixemos de a subscrever, acrescentamos ainda que a *Vita* é uma "summa" evangélica que se alicerça na leitura meditada da Palavra da revelação, seja no seu sentido literal, seja espiritual.

Ludolfo e o autor da versão portuguesa que com ele concorda nesta matéria, no prólogo, convidam o leitor a meditar dos mistérios da vida do Salvador e, deste modo, a viver espiritualmente, isto é, a conceber Cristo no e em espírito.

Ora, tendo em consideração alguns princípios doutrinários da *Vita*, viver espiritualmente é participar do mistério da Palavra das Escrituras. E conformar-se com Cristo e progredir para a união transformante em Deus, mediante a leitura meditada dos Evangelhos.

Assim, é evidente que a Palavra revelada é fonte de sentido e princípio de acção, pelo que a exegese, nesta obra, assume uma função essencial e, dir-se-á mesmo, que ela é estruturante. O apelo à interiorização da mensagem escriturística percorre a *Vita*. Que essa interiorização decorre, em boa parte, de diversos processos hermenêuticos, destinados a facilitar a inteligibilidade e, por isso, a conformação com as palavras evangélicas não é menos evidente.

No que a este assunto diz respeito, Ludolfo inspira-se na lição dos Padres e de autores mais tardios. Os vários procedimentos que usa, de leitura do texto bíblico, fundamentam-se numa longa tradição exegética, de matriz judaico-cristã, que foi largamente impulsionada no meio filoniano de Alexandria. Efectivamente, a Orígenes e aos Padres da Capadócia, principalmente a Gregório de Nissa, se devem as primeiras teorias conhecidas sobre exegese bíblica, que tão ampla influência exerceram quer na Patrologia latina, quer na grega. Embora se situem numa perspectiva mais especulativa que retomaram de seus predecessores, designadamente de Filon¹ e de Clemente de Alexandria, esses comentários já se encontram estruturados de acordo com uma intencionalidade espiritual. Coube, contudo, a Agostinho de Hipona desenvolver uma das mais completas sistematizações doutrinárias nesta matéria, fixando terminologias e princípios que fizeram fortuna no período medieval, no âmbito da literatura espiritual ora destinada a ambientes monásticos, ora seculares.

Assim, a *De Vita Christi* não inova; pelo contrário, grande parte do comentário dos versículos bíblicos que vão sendo citados no decurso do tratado resulta da articulação desses autores tradicionalmente consagrados que interpretaram as Escrituras até à saciedade. Evidentemente, é verdade que o contexto de divulgação da obra se distancia do "kerygma" que fundou a redacção daqueles primeiros tratados de exegese. Com efeito, muito embora a *Vita* mantenha a orientação apologética e soteriológica que é, aliás, comum a esta literatura de feição espiritual, nela se afirmam, principalmente, intuítos devocionais e contemplativos. Contudo, a metodologia de base de interpretação das Santas Escrituras não difere da que é usada nos referidos comentários da patrística.

De acordo com os princípios doutrinários subentendidos nessa metodologia, que afinal são princípios essenciais de doutrina cristã, a presença da Palavra ou do Verbo é ontológica, ou seja manifesta-se na Encarnação de Cristo, que se renova constantemente, e é uma presença inteligível, e como tal é via de aperfeiçoamento espiritual.

Deste modo, retomamos um dos tópicos essenciais desta exposição. Quando, no prólogo, o leitor é convidado a meditar ou, usando um dos termos mais recorrentes da obra, a considerar os mistérios de Cristo, é

¹ Filon de Alexandria é, sem dúvida, um dos exemplos mais significativos de pressão da cultura helénica na espiritualidade judaica e, neste caso concreto, na metodologia de leitura dos Textos Sagrados. Filon, ao conciliar alguns dos princípios essenciais da sua formação clássica com o espírito da cultura judaica, estabeleceu os fundamentos de uma metodologia exegética; metodologia essa que foi facilmente assimilada e desenvolvida pelos valores da espiritualidade cristã. Orígenes e Clemente de Alexandria foram os grandes seguidores da Escola Alexandrina em meio cristão.

convidado a actualizar a sua presença, a qual se pretende que seja espiritual e simultaneamente real.

Propomos, portanto, a leitura de um passo no qual esta ideia da presença substancial de Cristo feito Verbo se expressa de forma clara. Trata-se de um excerto do capítulo IX, que comenta as palavras de Mateus relativas ao mistério da natividade. Este pequeno fragmento é o corolário do longo comentário que, nesse capítulo, se destina a salientar a transcendência e a humildade que dominam tão importante acontecimento. O excerto citado é especialmente digno de relevo, porquanto se estrutura com base em uma das técnicas fundamentais de âmbito retórico usadas no tratado. Consiste esta técnica na presentificação do acontecimento. Tendo sido um recurso utilizado por autores como Anselmo e Bernardo, na *Vita* assume especial interesse, principalmente neste domínio da exegese, pois está associado à vivência do sentido profundo do acontecimento bíblico².

"Vai, ergo, tu veer o Verbo que por ti é carne feito, e com geolhos baixos adora o teu Senhor Deus e a sua Madre. E com reverência saúda Joseph, velho santo e, dêi i, beija os pees do Menino Jesu. ... E abraça aquel presepe divinal e doce. E o amor tempere a vergonha, e o desejo lance de ti o temor, porque possas beijar os santíssimos pees do Moço....

Vem ainda cada dia e vee star Jesu no presepe spiritual, scil., no altar por tal que do trigo da sua carne mereças comer com as animálias santas.

E é de saber que a naceña de Cristo é de três maneiras, scil., divinal, humanal e graciosa ... A terceira é na voontade spiritualmente...[E graciosa] porque a nascença da graça, que Cristo faz na alma, manifesta é ali onde é con-

"Vade nunc et tu ad uidendum Verbum pro te carnem factum, et genibus flexis adora Dominum tuum et eius Matrem. Ac reuerenter saluta Joseph, sanctum senem. Deinde osculare pedes pueri Jesu... . Et amplectere illud diuinum et dulce presepium. Mitiget uerecundiam amor, timorem depellat affectus, ut sacratissimis pueri pedibus labia figas et oscula gemines...

Venias et nihilominus quotidie ut uideas Jesum in presepio spirituali, scil., in altari, ut carnis sue frumento merearis cum anima[li]bus sanctis refici...

Et sciendum triplex est Christus natiuitas, scil., diuina, humana et gratuita ... Tertia in mente spiritualiter... Gratuita natiuitas manifesta est

² Importa também salientar que a denominada técnica de presentificação do acontecimento constitui uma estratégia de meditação largamente usada por Inácio de Loyola na obra *Exercícios Espirituais*: certamente por inspiração da *De Vita Christi*, dada a conhecida influência que o tratado de Ludolfo exerceu na sua conversão.

cebida per boõ desejo e nascida por in anima, in qua Christus concipitur
boa obra e criada per melhoramento e per affectum, nascitur per affectum,
aproveitamento." (pp. 133-135) nutritur per profectum." (Fl. 33rb-vab)

Tomando em consideração a distinção estabelecida entre as três maneiras "de nacença" de Cristo, no excerto acima citado, é claro que o apelo à presentificação do acontecimento se orienta para o sentido espiritual das Escrituras, mais concretamente para o sentido místico. E também evidente que o tradutor interpretou e recriou a sua versão em língua portuguesa de modo a expressar o melhor possível esse apelo.

Ainda que a *Vita* não reflecta uma experiência espiritual, nem por isso este excerto e outros similares se destinam menos a despertar as operações sensoriais e a levar o leitor a aproximar-se e a saborear os momentos aí evocados.³

Assim, se a consideração ou a meditação dos mistérios depende de um processo especulativo e de um conhecimento de realidades inteligíveis, implica também uma adesão de ordem afectiva. Deste modo, se estabelece uma estreita relação entre a leitura espiritual, ou a *lectio*, a meditação e a contemplação, pelo que há que entender estas fases do processo exegético não num sentido cronológico, mas como sendo concomitantes. Com efeito, a dimensão noética ou especulativa não exclui a dimensão frutiva nem mesmo a ética, de modo que, na *Vita*, a decifração do texto bíblico é correlativa ao aprofundamento da fé e ao aperfeiçoamento interior.

Torna-se claro que este conhecimento resultante da leitura meditada dos Textos Sagrados é simultaneamente especulativo e afectivo, e pre-

³ As citações da tradução portuguesa são transcritas da obra *O Livro De Vita Christi em lingoagem português*, ed. fac-similar e crítica do incunábulo de 1495 cotejado com os apógrafos, por Augusto Magne S. J., Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1957-1968. A fixação do texto latino é da nossa responsabilidade e baseia-se na versão impressa em Paris, em 1536. Todas as citações pertencem à primeira parte do tratado.

⁴ As operações sensoriais, ou mais precisamente o exercício dos sentidos espirituais, estão associados à percepção de realidades transcendentais. A doutrina dos sentidos espirituais tem um dos seus fundamentos na referência que no livro dos *Provérbios* é feita à presença de um sentido divino no homem (cf. *Prov.* 2, 5). De facto, essa referência sugeriu largas teorizações no domínio da percepção de realidades superiores, salientando-se neste âmbito alguns trabalhos de Orígenes e de São Boaventura, que tiveram grande divulgação ao longo da época medieval na literatura espiritual. Um dos princípios desta doutrina reside na analogia do conhecimento espiritual com o conhecimento sensível. Assim como este resulta da relação do espírito com a realidade material, a qual se torna cognoscível, em parte, pela capacidade sensorial, assim o conhecimento espiritual resulta da relação do espírito com o "objecto divino", o qual se torna perceptível através da operação de sentidos especiais, a que os medievais denominaram sentidos espirituais.

tende-se que todos os sentidos se elevem a um nível superior, para que se tomem operativos no discernimento moral e espiritual. O pequeno fragmento acima citado é disso um bom exemplo.

E, deste modo, voltamos a considerar os diversos sentidos das Escrituras, reiterando que a Palavra revelada constitui o principal fundamento do conhecimento espiritual.

Nestas obras de base cristã, que se alicerçam no comentário do texto bíblico, o sentido da Revelação está contido no principal mistério que é a Encarnação de Cristo, o qual se renova constantemente na sua existência.

Por se tratar de um princípio fundamental no domínio da exegese de base cristã, merece a pena citar, a propósito, um trecho particularmente elucidativo, que põe termo ao capítulo IX acima mencionado. Como é bem de observar, nele é posto em prática o procedimento exegético denominado típico ou tipológico, que foi bastante divulgado nos comentários medievais.

Efectivamente, é sobejamente conhecida a importante função desta técnica exegética e dos princípios teológicos que lhe estão subjacentes. Cristo, sendo Deus, é eterno, pelo que a Encarnação é via de aperfeiçoamento da Lei e dos Profetas, isto é do Velho Testamento, e por isso de salvação. Cristo ao encarnar veio demonstrar que a inteligibilidade da Antiga Lei das Escrituras é plena e perfeita quando se eleva o sentido literal ao sentido espiritual.

O procedimento exegético acima referido, patente no excerto que citamos em seguida, estabelece uma relação de nível tipológico ou figurativo entre os acontecimentos do Velho e do Novo Testamento, com a finalidade de actualizar a presença de Cristo, pois que, como entidade eterna, fora prefigurado pela Lei e pelos profetas. No comentário a elevação da letra e função soteriológica são dois aspectos indissociáveis.

"Nasceu Cristo pera livrar o homem que era cativo. E êsto foi afigurado no que servia de copa a el-rei Faraó, ao qual jazendo no cárcer parecia per sonho que aa beira de si crescia ùa videira da terra, que tiinha três gomos, a qual começou de enflorecer e dar uvas, as quaaes el spremia na copa e dava de beber a Faraó; o qual foi sôlto e [o sonho comprido], segundo que lhe fôra declarado per a interpretação de seu sonho. E assi, em-como a humanai geeraçom fôsse

"Christus itaque natus est ut captivum hominem liberaret. Et hoc praefiguratum fuit in princerna Fharaonis, cui in cárcere uidebatur qui coram se uitis de terra crescebat habens tres propagines seu ramos, que cepit florere et uvas producere, quas in calicem Fharaonis exprimens potum Fharaoni offerebat qui somnii interpretationem post tres dies liberatus est. Sic cum genus humanum miserabilem sustineret et captiuitatem, uitis, scil., Christus de terra sola, scil., Maria excrescebat ...

em cativo, a vide, scil., Cristo, nasceu da terra, scil., de Santa Maria. ... E ao terceiro dia, depois que o vinho do seu sangue na cruz foi espremido e oferecido a el-rei, tanto o embebedou que, livrou e soltou o linhagem humanai do cativo e perdoou-lhe tôda a injúria.

A maneira da nascença de Cristo foi afigurada na vêrga de Aarom, que enflorceu e deu fructo de amêndoas; e assi como aquela vara contra natura geerou, assi a Virgem Maria sôbre a ordem da natureza geerou maravilhosamente seu Filho. A vara de Aarom deu fructo sem seer chantada. E assi, Maria, sem ajuntamento de barom, deu de si Filho; o qual, assi como noz, se apeegou ao pau da cruz, o qual se chama dereitamente algũas vêzes flor e algũas fructo, porque ... assi como fructo de boa árvor, por proveito da nossa saúde algũas vêzes enflorrece em nós e algũas vêzes faz fructo. ...

E ainda tornou dar redolho per a resurreiçom do corpo seu, que fêz; e portanto se chama todo, scil., flor e fructo, porque a virtude do Testamento, que em cartas da lei e [da] scriptura se preega e se contém, é flor na lêtera e fructo é no spíritu; flor na lei é, e fructo na graça e na verdade; flor no primeiro [Testamento], e fructo no segundo; flor na guarda dos sacrificios carnaes, e fructo no entender dos mistérios spiritualmente.

Assi como na flor se denuncia e spera o fructo, assi em aquelas cerimónias se demostrava que Cristo havia de viinr; e assi como o fructo nom perece quando a flor enflorrece ou enverdece, assi a verdade de Cristo nom se demostrou enquanto durou a guarda das cerimónias car-

Tetia uero die, postquam uinum sanguinis sui in cruce expressum et regi celesti oblatum, tunc genus humanum de captiuitate ex egressum.

Modus autem natiuitatis Christi figuratus est in uirga Aaron, que floruit et fructum amygdalinum pertulit. Sicut, enim, uirga illa mirabiliter contra naturam germinauit, sic Maria supra ordinem nature mirabiliter filium generauit. Virga Aaron pertulit fructum sine plantatione, Maria genuit filium sine uirili comixtione....

naaes. Quando se seca a flor, entom parece o fructo, porque, desfalecendo a lei ou comprida seendo, foi guardada e manteúda a graça e a verdade feita per Cristo. Outrossi, como na casca da amêndoa se esconde o meolo doce, assi na côdea da carne de Cristo era escondida a mui doce diviíndade." (pp. 135-137)

In testa amygdalina dulcís nucleus latebat, in testa carnis Christi dulcíssima deitas abscondita fuit." (Fl. 34rb-va)

A eficácia da doutrina exposta, sem dúvida, que resulta do inesperado das metáforas e da imprevisível associação que se estabelece entre os acontecimentos bíblicos pertencentes ao Antigo e ao Novo Testamento.

No primeiro caso é clara a alusão ao episódio, referido no livro do *Genesis* (40, 1-15), relativo à libertação do copeiro do Faraó, três dias depois de um sonho que tivera no cárcere; libertação que tinha sido pronunciada nas três vides que vertiam sumo para a taça apresentada ao Faraó, segundo a interpretação feita por José do acontecimento onírico.

Assim, no comentário é estabelecida uma clara relação típica ou tipológica entre a libertação do copeiro, verificada três dias depois do sonho, e a redenção da humanidade, três dias depois da Paixão de Cristo. Não menos evidente é a associação que é feita entre o sumo das uvas espremido para a taça do Faraó, sinal da libertação do copeiro, e o sangue derramado pelo Salvador na cruz, sinal da redenção do Homem.

A segunda situação assinalada no excerto citado refere-se a um breve episódio do *Números* (17, 1-27), que narra a confirmação da superioridade e da escolha da tribo de Levi, através do prodígio da vara de Arão, a qual floresceu e frutificou amêndoas sem ser plantada. No passo transcrito, esse prodígio é tido como prefiguração do nascimento do Salvador e da concepção singular do fruto na Virgem pelo Santo Espírito.

Assim, seja no primeiro exemplo, seja no segundo a elevação da letra é indissociável da missão soterológica de Cristo, missão essa que fora prefigurada no Antigo Testamento, como estes dois acontecimentos pretendem demonstrar.

A breve colação que estabelecemos entre a versão portuguesa e a original latina deixou entrever o zelo que o tradutor pôs no seu trabalho. Efectivamente, é manifesto que foi seu intento recriar o texto em língua portuguesa, de modo a não se distanciar da versão de origem. Assim, no que diz respeito ao vocabulário especializado no domínio da exegese, usa respectivamente os termos "afigurado" e "afigurada", para traduzir as expressões latinas "praefiguratum fuit" e "figuratus est". As demais

opções confirmam o referido intento de preservação do valor semântico, incluindo obviamente o sentido e a forma, do texto original.

Importa ainda ter em atenção no excerto citado, o segundo exemplo aduzido tomado do *Números*. Neste breve passo as sucessivas associações que se vão estabelecendo entre as imagens "flor" e "fruto" são motivo para o desenvolvimento de uma breve teorização sobre hermenêutica escriturística. De facto, é bastante clara e imediata a relação metafórica que se opera, por um lado entre a flor e a letra das Escrituras, e por outro entre o fruto e o espírito. Lamentavelmente o fragmento correspondente no texto de origem por ser omissivo nesta pequena sequência, impede-nos de saber quais as opções do tradutor.

No entanto, essa omissão não obsta que salientemos alguns princípios fundamentais de exegese bíblica, aos quais fizemos anteriormente referência. Em conformidade com o excerto, as cerimónias carnavais expressas na Velha Lei e nos Profetas caducam com a vinda de Cristo. Assim, com a Encarnação seca a flor, símbolo da observância dos sacrifícios carnavais literalmente afirmados no Antigo Testamento, e surge o fruto, símbolo da revelação espiritual dos mistérios. Deste modo, o conhecimento dos mistérios, se bem que sempre imperfeito, resulta de sucessivas aproximações ao sentido profundo da letra, pois, citando este passo, na casca da amêndoa que é a letra se esconde o doce miolo que é a doce divindade. Esse conhecimento de nível superior é também a fruição de uma realidade oculta, envolta em mistério, o qual se revela gradualmente, ainda que de modo parcial, no espírito.

E, se a *Vita Christi* é um tratado com uma extraordinária riqueza doutrinal e teológica, outro tanto se pode afirmar acerca dos procedimentos usados no âmbito da exegese, e até no que diz respeito ao uso de uma linguagem especializada neste domínio. Ora, essa riqueza doutrinal, teológica e filológica não pode deixar de se reflectir na versão portuguesa do tratado.

Um dos procedimentos hermenêuticos usados por Ludolfo, ao qual o tradutor deu sentido e forma, consiste na aplicação de recursos próprios do discurso estilístico-retórico e gramatical à leitura do texto bíblico. Importa, por isso, reflectir no eventual contributo que a tradução da *De Vita* poderá ter tido na consolidação de termos técnicos habitualmente usados no trabalho exegético, e na transmissão de princípios fundamentais que se encontram subjacentes à decifração do texto das Escrituras.

O comentário expresso no excerto que citamos em seguida, pertencente ao capítulo VIII, que se centra nos esponsórios de Maria e José⁵,

⁵ O tema dos esponsórios de Maria e de José ocupa uma parte deste capítulo viu do primeiro livro da *Vita*. A ele se associa um outro tema, que ocupa a restante parte do

traz à colação a figura tropo. A interpretação do versículo bíblico pretende, assim, com recurso a este artifício retórico, desfazer quaisquer equívocos que a formulação expressa nas palavras do Evangelho possa sugerir acerca do dogma da virgindade de Maria.⁶

*El nom a conheceu atees que pariu
o seu primogénito...*

"E deve-se [notar que em] aquela palavra "nom a conheceu atees que", aquel "atees que" se entende por "nunca". E é Qa figura a que chamam "tropus" ou maneira de falar per semelhança, segundo já em cima é declarado em outra palavra semelhável a esta, que foi "atees que a conhecesse". Se, ergo, a nom conheceu ante do parto, muito menos depois, vistos tantos milagres." (p. 111)

"Et desposatam sibi in domum suam ducere uolens, *antequam conuenirent*, sed *antequam nuptiarum solemnia celebrarent*, non qui postea conuenirent sed ostendit proximum tempus nuptiarum solemnium, et est tropus loquendi huic similis *antequam peniteret morte preuentus est non qui postea penituerit.*" (Fl. 26rb)

A necessidade de elevação da letra é um princípio fundamental, nos comentários bíblicos, conforme acima referimos, seja na prática, como neste fragmento, seja nas diversas teorizações. Vem a propósito lembrar que na obra *De Doctrina Christiana* Agostinho de Hipona, nos três pri-

capítulo; tema este que salienta a importante função desempenhada pelas contrariedades e tribulações no aperfeiçoamento espiritual, porquanto elas são motivo de desenvolvimento de virtudes, nomeadamente de paciência e de humildade. Assim, José é figura exemplar, pois ao perceber que Maria tinha concebido, confia pacientemente nas palavras do Anjo. Este acontecimento modelar é pretexto para a realização de um longo desenvolvimento relativo a uma questão fundamental de âmbito teológico, em todos os tempos, a qual consiste na distribuição equitativa do bem e do mal seja aos pecadores, seja aos virtuosos, e concomitantemente no aperfeiçoamento que daí resulta para o espírito paciente. Ora, este extenso fragmento, em versão portuguesa, é integrado por D. Duarte no capítulo 87 do tratado *Leal Conselheiro*. Todavia, Duarte de Avis apenas se limita a mencionar o nome do autor e da obra da qual o fragmento que cita é retirado, sem que faça qualquer referência ao contexto, pois, certamente, apenas lhe interessava o desenvolvimento teológico.

6 O excerto correspondente em latim, na edição que consultámos, impressa em Paris em 1534, foi omitido. No entanto, é provável que a versão de base da tradução contivesse esta mesma identificação da figura tropo, pois que existe um outro excerto na edição latina, impressa em Paris, que apresenta a mesma referência a esta figura; trecho esse que transcrevemos em seguida. A menção a este artifício que aparece na edição de Paris nesse pequeno fragmento que citamos não se encontra, neste caso ao invés, na versão portuguesa, porquanto provavelmente já não constaria da original usada pelo tradutor. Contudo, ela é indício de que a identificação da figura considerada, presente no passo da tradução que citamos, já estaria no texto original utilizado pelo autor da versão portuguesa.

meiros livros que dedica à exegese bíblica, adverte que um bom hermenêuta de textos sagrados deve possuir boa formação nos domínios da gramática e da retórica. Não é por acaso que, nesse mesmo tratado, São Paulo é considerado um dos modelos da retórica da "simplicitas"...

Ora, o pequeno passo citado ilustra bem essa teoria do bispo de Hipona. Assim, o versículo tal como se encontra formulado, a aferir pelos princípios e limites dogmáticos da doutrina cristã, só poderá ser lido como um tropo.

Era deste modo que o versículo bíblico era interpretado por Ludolfo, foi assim que o autor da versão portuguesa o leu e o expressou. Usou, com essa finalidade, formas literalmente próximas do texto de base. É bastante provável que o vocábulo "tropo" já se encontrasse divulgado na língua portuguesa. Todavia, isso não impede que salientemos a provável função da tradução da *Vita* na consolidação de uma linguagem específica de disciplinas como a retórica ou a gramática, e mesmo na divulgação em vernáculo dos recursos estilísticos subjacentes a essa linguagem, habitualmente usados como instrumentos de interpretação das Escrituras. Se o excerto citado é elucidativo quanto a este facto, outro tanto se pode concluir dos excertos em seguida transcritos.

Importa, assim, reflectir num outro trecho que segue um esquema de interpretação relativamente semelhante. Nesta circunstância a leitura do texto bíblico baseia-se na figura sinédoque, a qual é ainda complementada com uma breve explicação da estrutura deste artifício.

Situa-se o fragmento transcrito no capítulo XVIII que, embora pareça estar orientado para a personagem de João Baptista, acaba por se desenvolver à volta de um outro princípio, que à semelhança dos precedentes, é fundamental no âmbito da teologia cristã; consubstancia-se esse princípio na dualidade da natureza de Cristo. Com efeito, o autor tomou como base o Evangelho de São João, a fim de demonstrar, neste capítulo, de forma bastante simples, que Cristo é simultaneamente Deus e Homem. Convém referir que o desenvolvimento que é conferido a este princípio dogmático não tem apenas um propósito teológico, mas também estruturante. Efectivamente, a organização do tratado encontra-se fundamentada na premissa essencial de que pela meditação da humanidade de Cristo o leitor pode alcançar a divindade. O breve excerto que transcrevemos situa-se na seqüência que nesse capítulo da *Vita* põe em relevo a importante função da Encarnação; ela é indispensável para que a condição humana possa minorar as limitações ontológicas que a impedem de progredir para o repouso espiritual. E esta a contextualização de base do passo considerado que comenta o conhecido versículo do prólogo do Evangelho de São João.

O Verbo carne é fecto (Jo 1, 14)

"scil., ajuntado ou unido é aa carne; ou tomou a carne, ésto é, a humanidade, ajuntando-a a si em Ga pessoa e nom mais. E aqui se toma a carne per [a] figura sinédoque, scil., que se poêe a parte do homem, que é a carne, por todo o homem; e tanto é "o Verbo é fecto carne", como se dissesse "é fecto homem". (p. 247)

"scilicet, carni unitum est; seu carnem assumpsit, hoc est, hominem assumptum in unam personam sibi copulavit. Caro, enim, hic dicitur homo accipiendo synecdochice partem pro toto, ac si diceret factum est caro, scilicet, homo." (Fl. 67va)

De acordo com o comentário das palavras do Evangelho, o valor semântico da letra só é devidamente compreendido dentro dos limites da retórica. Com efeito, a fim de dissipar possíveis ambiguidades de significação que o termo "carne" possa sugerir, impõe-se que o leitor perceba que tal noção é tida como parte do todo que é o Homem.

Também, neste caso, a versão portuguesa segue ao pé da letra a original; o tradutor não só encontrou a expressão apropriada, "figura sinédoque", para verter o termo técnico "synecdochice", mas também tentou clarificar a definição que sustenta a estrutura deste artifício retórico. Por isso, à simples proposição "partem pro toto" fez corresponder "que se poêe a parte do homem, que é a carne, por todo o homem".

Voltamos a encontrar este mesmo modelo de leitura, no capítulo XVII, destinado a realçar a exemplaridade de João Baptista como pregador e asceta. Desta feita considera-se a figura hipérbole.

"Entom, ouvida a fama de Joane, saía a el todo Jerusalem, scilicet, saíam a el muitos..." (Mt 3, 5. Mc 1, 5)

"Esta maneira de falar é chamada hiperbólica, que quer dizer muito perficada. E põe-se aqui a cidade ou lugar por aquêles que eram conteúdos ou moradores em el." (p. 233)

"Tune, audita Joannis fama *exibat ad eum omnis Hierosolyma*, quantum ad habitant in ea ciuitate illa, *et omnis Judea*, quantum ad circuniacentes in ea, *et omnis regio circa Iordanem*, quantum ad duas tribus et dimidiam, omnis inquam, scilicet, multi de omnibus ut sit hyperbolica, scilicet, multum excessiua locutio. Et ponitur ibi continens pro contento." (Fl. 63rb-va)

Os procedimentos considerados nas últimas citações transcritas, de âmbito retórico-estilístico, destinam-se principalmente à interpretação da letra do texto bíblico, pois, na verdade, procuram essencialmente clarifi-

car o seu sentido literal. Vale a pena ponderar noutro fragmento, aduzido desse mesmo capítulo XVII, que põe em evidência um outro nível de interpretação habitualmente denominada alegórica.

É bem conhecida a complexidade que caracteriza a técnica da alegoria, visto ser difícil delimitar a sua aplicação em termos epistemológicos. Ora, no âmbito da exegese, inúmeras foram as teorias e os praticantes deste procedimento, desde a Antiguidade, passando pelos meios judaico-cristãos, até à época medieval.

No fragmento que consideramos em seguida, é manifesto o propósito de elevar o sentido mais literal dos versículos de Mateus e de Marcos, relativos às práticas ascéticas de João Baptista, mais concretamente à prática de abstinência, ao sentido espiritual, mais especificamente alegórico. Mas, além disso, essa elevação da letra ao espírito desenvolve-se com base no confronto de dois sistemas teológicos, relativos respectivamente ao Antigo e ao Novo Testamento, sistemas esses que são configurados por João Baptista e por Cristo.

"Joane usava de trazer cilício e saio de peles de camelos de duros cabelos ... tiinha cinta de pele áspera ... derredor dos lombos." (Mt 3, 4. Mc 1, 6)

"E que cousa se entende per a vestidura e per a cinta alegóricamente, mostra-se per Crisóstomo, que diz: "Era Joane, scil., a lei e regra de Joane, que fôsse vestido de peles de camelo, nem poderia ele ter saio de pele de cordeiro, do qual se diz - *Ex aqui o Cordeiro de Deus; ex o que tira os pecados do mundo.* - E a cinta de coiro tiinha nos lombos, porque os Judeus nom pensavam seer outro pecado senom aquêle que era per obra. Mas Nosso Senhor Jesu Cristo no Apocalipse de Joane Evangelista - o qual viu o Senhor em meo de sete candeieiros - [era] cingido de cinta de ouro, nom per os lombos, mas per cima per os peitos; porque a lei antiga foi em nos lombos, mas [na] de Cristo, ésto é o Evangelho e a virtude dos monges, nom soo é

"Quid túnica et zona Joannis allegorice significant, patet per Crysos. qui sic ait: "Erat Joannes, sed hoc est lex in Joanne, uestitus pellis cameli. Non poterat habere tunicam de agno de quo dicitur *Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi.* Et zonam pelli ceam habebat in lumbis, quia Judei hoc solum putant peccatum esse quod opere peccant. Ceterum, dominus noster Jesus Christus qui in Apocalypse Joannis uidetur inter septem candelabra, habebat zonam auream non in lumbis sed in pectore. Lex in lumbis cingitur ceterum Christus, hoc est Evangelium et monachorum uirtus, non solum in libidine, sed in mente commendatur. Hic nec cogitare quidem expedit, ibi qui fornicatus fuerit tenetur in crimine." (Fl. 62vb)

condempnada e repreendida na obra a luxúria, mas na vontade. Aqui, na lei do Evangelho, nom é conveniente de cuidar mal nem cobiiçar fornízio; mas na outra, aquêle soo era punido que era achado na obra do pecado." (p. 231)

Na citação é clara a breve alusão a alguns costumes e princípios da lei Antiga, que é representada por João Baptista, e a outros costumes e princípios da Nova Lei, Lei que é plenamente cumprida em Cristo. Assim sendo, de acordo com o Antigo Testamento eram punidos apenas os pecados chamados de obra, por isso a João bastava trazer o cinto de castidade à volta da cintura, símbolo da abstinência. Na Lei Nova são punidas as transgressões de obra e de vontade, pelo que Cristo usa o cinto de castidade, que é de ouro, no peito, símbolo da perfeição e de pleno cumprimento da Lei.

Fazendo uma breve reflexão sobre as opções do tradutor verificamos haver, não só uma literal correspondência entre o advérbio de introdução do nível de leitura do comentário - "alegóricamente" e "alegorice" -, mas também uma precisão nos termos que escolheu para traduzir a distinção entre as noções de pecado de obra e de vontade. Efectivamente, à simples proposição latina "nom solum in libidine, sed in mente commendatur", faz corresponder, de modo mais explícito e preciso, a frase "nom soo é condempnada e repreendida na obra a luxúria, mas na vontade". Estas opções, que voltam a ser concretizadas na frase seguinte do mesmo fragmento, demonstram o seu conhecimento destas matérias.

Apesar da acima mencionada complexidade semântica do termo "alegoria", parece claro que o advérbio "alegóricamente" no contexto do excerto transcrito, tem implícito um modo de interpretação principalmente moral.

Esse sentido é no entanto mais evidente em outras sequências introduzidas pelo advérbio "moralmente", ou "moraliter". Como ilustração importa referir o comentário tomado do acima já citado capítulo IX, mais especificamente o passo que interpreta o nome de José.

No fragmento considerado o advérbio referido encontra-se associado a um outro procedimento de interpretação que é, aliás, bastante recorrente em exegese, que se estrutura com base na derivação etimológica.

Sobiu Joseph de Nazareth de Glilea ... com a Virgem sua sposa prenhada, e foi-se aa cidade de Beleem de Juda ... cidade de David ... do linhagem do qual eram Joseph e Maria. Eforom alá por se screverem e nomearem. " (Lc 2, 4-5)

"Moralmente Joseph, que quer dizer, "acrecentamento", scil., cada uñ de nós que quiser spiritualmente seer "acrecentado", se quer pagar o tributo da devaçom ao Rei eternal, deve andar per os passos das virtudes e sobir de Galilea a Judea, scil., da voontade da conversaçom mundanal aa voontade da confissom e do louvor de Deus; e indo assi, sobirá de Nazaret em Beleem, scil., sobirá do acto florido de virtudes ao pasto da contemplaçom de dentro, no qual as almas acham verdadeiro manjar." (p. 119)

Moraliter Joseph, qui interpretatur augmentum, scilicet quilibet nostrum uolens spiritualiter augeri, si soluere uult census deuotionis eterno Regi, debet ire passibus uirtutum et ascendere de Galilea, scilicet de mundo et uolubilitate mundane conuersationis ad Judeam confessionis et laudis diuine; et sic eundo ascendet de Nazareth in Bethleem, scilicet a florida uirtutum actione ad pastum contemplationis interne, in qua uera reflectio animarum iuenitur." (Fl. 29rb)

As virtudes, que caracterizam a personagem bíblica reflectem-se no próprio nome, facto que é inerente à estrutura deste recurso. Além disso, a etimologia serve de base à orientação moral do comentário, que ainda é reforçada pelo advérbio "moralmente".

Importa salientar o esforço do autor da versão portuguesa por manter a derivação "acrecentamento" / "acrecentado", correspondente a "augmentum" / "augeri", sob a qual se edifica a etimologia, opção que deixa entrever o conhecimento que possuía das potencialidades e do efeito estilístico deste recurso. Regra geral o nome encerra as características da realidade ou da entidade a que se refere.

Todavia, não menos interessantes são alguns passos em que a etimologia sugere múltiplas associações, destinadas a orientar o leitor a experimentar outros níveis de interpretação do texto bíblico; níveis esses que embora não excluam o sentido moral, acentuam principalmente o sentido místico.

Vale a pena citar, de entre os inúmeros exemplos que poderiam a este respeito ser aduzidos, o comentário de um dos versículos que no capítulo V introduzem o mistério da Anunciação do Anjo à Virgem. Nesse comentário congregam-se diversos planos de leitura das palavras do Evangelho e diversos sentidos, com relevância para o místico.

No sexto mês ... Deus ... chamou Sam Gabriel... e enviou-o aa cidade de Galilea, que liavia nome Nazaret, aa Virgem Maria... (Lc 1, 26-27)

"*Em a cidade de Galilea, a qual é entrepetada "passamento", scil., porque havia de "passar" da infielidade dos Judeus aa fé dos gentios; que liavia nome Nazaret, que quer dizer "flor". Convinhável cousa foi que a verdadeira flor, scil., Cristo, fôsse concebido na flor, scil., da bem-aventurada Virgem, e com flores, scil., no tempo das flores. E chama-se flor Jesu Cristo por o cumprimento que houve de santa conversaçom e de fremosura, por a doçura da boa fama e opiniom de boõ odor e por fructo da sua paixom e por o proveito da conversaçom dos flees. Esta flor enfloreceu na concepçom e pareceu na nascença e muschou-se na paixom, mas logo tornou a florecer na resurreiçom. Se, ergo, queres colhêr esta flor, sigue a fremosura da sua conversaçom, preega o odor das obras, e assi haverás o fructo da paixom.*" (p. 61)

"*In ciuitatem Galilee, que interpretatur "transmigrado", quia scilicet "transiturus" erat de incredulitate iudeorum ad fidem gentium. Cui nomen Nazareth, quod intepretatur "fios". Conueniens, enim, fuit ut uerus fios, scilicet, Christus conceperetur in flore, scilicet, in Nazareth, et de flore, id est, de beata Virgine, et cum floribus, scilicet tempore florum. Dicitur, autem, "fios" Iesus propter sánete conuersationis pulchritudinem et decorem, propter bone opinionis suauitatem et odorem, propter passionis fructum et conuersationis fidelium utilitatem. Iste fios floruit in concepçione, apparuit in natiuitate, et marcuit in passione, sed reffloruit, tandem, in resurrectione. Si, ergo, uis capere istum florem sequere decorem sue conuersationis, predica odorem operationis, et sic habebis fructum passionis" (Fl. 13vb)*

O passo transcrito alicerça-se na figura etimológica e desenvolve-se com a finalidade de despertar as diversas capacidades sensoriais do leitor.

Com efeito, as sucessivas derivações e inesperadas associações procuram estimular principalmente o sentido da visão, do odor e do gosto, de modo a que se tornem operativos na percepção dos principais mistérios da vida de Cristo. Assim, repare-se como no passo transcrito as associações feitas entre a flor e o fruto aludem ao mistério da concepção, do nascimento, da vida pública, da paixão e da ressurreição.

A comparação que efectuámos do texto português com o latino confirma que a versão traduzida em nada fica a dever à original. Efectivamente, também nesta circunstância, é manifesto o propósito de o autor tirar o maior proveito das potencialidades da língua portuguesa, a fim de transmitir a mensagem do texto de origem, e de preservar o seu nível estilístico, recriando figuras como a etimologia e o poliptoto.

Assim, seja na versão traduzida, seja na de Ludolfo, o discurso progride do sentido literal para o sentido espiritual, mais concretamente para o nível de interpretação mística, sem que se faça, todavia, alguma referência explícita à transição dos diferentes níveis de leitura. Isso é particularmente visível no último período da citação, em que o comentário passa, de forma subtil, do plano místico para o plano moral, sem qualquer explicitação.

Mas importa, ainda, ter presentes outros fragmentos em que o advérbio "misticamente", é usado com a finalidade explícita de introduzir um nível de percepção superior, que está para além do moral.

Contudo, convém referir que o valor semântico deste termo não é constante ao longo do tratado; variação essa que remonta ao texto original em latim e que o autor da versão portuguesa manteve.

No seguinte passo, aduzido do capítulo XI, é claro que o vocábulo "místicas", correspondente a "mysticis rebus", usado para qualificar as oferendas dos Magos, expressa o seu sentido primeiro ou original, porquanto está associado à noção de mistério, expressa pelo termo literal "mysterium".

*E cada uñ déles ofereceu ao Moço
ouro, encenço e mirra. (Mt 2, 11)*

"...e, ainda que seguissem o costume das gentes da sua naçom em oferecer estas cousas, pero ésto foi ainda feito per voontade de Deus, por êles demostrarem por elas alguu mistério e confessarem a fé que tiinham com cousas místicas, scil., demonstrando o mistério e fé da Trindade e adorando-a em Cristo, enquanto o adoram como rei e Deus." (p. 157)

"Et licet morem sue gentis in donis offerendis sequerentur, hoc tamen diuina inspiratione est factum, ut aliquid mysterii muneribus demonstrarem et fidem suam mysticis rebus profiterentur, tum scilicet per ea trinitatis fidem et mysterium reuelantes et Christo trinitatem adorantes." (Fl. 40ra)

Mas, as hesitações de significação manifestas no uso da palavra são manifestas num outro trecho tomado do capítulo XIV, baseado numa citação de Remigio, em que se comenta os versículos de Mateus. A citação bíblica que está na base do comentário, refere-se ao aparecimento do Anjo a José, no Egipto, em que lhe dá a conhecer a morte de Herodes e, por conseguinte a possibilidade de a Santa Família regressar a Nazareth sem perigo.

Morto Herodes, apareceu o ângeo de Deus em sonhos a Joseph e disse-Ihe: "Toma o Moço e sua Madre, e vai-te aa terra de Israel ... porque mortos som os que buscavam a alma do Menino". (Mt2, 19-20)

"E segundo que diz Remigio, per aqueste aparecimento do ângeo a Joseph misticamente se entende que aquêles que cessam e se leixam dos cuidados terreaes e dos negócios seculares merecem de haver a visom dos ângeos." (p. 191)

É evidente que no passo citado o advérbio "misticamente", ou "mystice", orienta a leitura num sentido essencialmente escatológico. Nível de interpretação que, neste domínio da exegese, é habitualmente designado sob o termo "anagógico".

Todavia, apesar de pequenas variações de significação, o termo é frequentemente usado para designar o sentido mais elevado das Escrituras, que se consubstancia na união transformante do espírito com a Palavra da revelação.

Propomos, então, para terminar, a leitura de um pequeno fragmento, com o qual finda o já citado capítulo V da Anunciação. Nele são aduzidas seis condições fundamentais que servem de orientação à alma para conceber Cristo espiritualmente (temos que situar a afirmação no devido contexto, em que se comenta a concepção de Maria).

"Moralmente som aqui tangidas seis condições que deve haver qualquer alma santa que houver de conceber Cristo espiritualmente... (p. 83)

"Ut, autem, ait Remigius, per hoc quod angélus in somnis Joseph apparisset dicitur mystice designatur qui illi qui a curis terrenis et secularibus negociis requiescunt perfrui angélica uisione merentur." (Fl. 52va)

"Moraliter tanguntur hic six conditiones, quas debet habere quelibet anima sancta Christum spiritualiter conceptura. ... (Fl. 19va)

A terceira condição é particularmente importante.

Terceiramente, tal alma deve seer virgem e çarrada nom soo dos sentidos corporaaes, mas de tódalas forças e potências da alma, de guisa que nom possa entrar em ela nenhũa cousa de corruçom, nem, per os caminhos e entradas dos sentidos, cousa que demo-

Tertio, talis anima debet esse uirgo, ut ab omni motu non solum sensuum, sed etiam omnium anime uirium sit restricta, ita ut nihil in ea corruptionis ualeat subintrare, nec per uias sensuum intret aliquid quod moueat ad carnalitatem, nec per uias

va a carnalidade; nem, per os caminhos das potências intelectivas, cousa que demova o pensamento e a oufana. ... (Id.)

uirium intellectuarum ueniat aliquid quod tendat in curiositatem. ... (Id.)

A doutrina afirmada nesta terceira condição foi bastante divulgada. De facto, é feita referência, de forma simples, à dualidade ontológica de base neo-platónica, inerente ao pensamento ocidental, que estabelece a separação entre os níveis sensível e inteligível, incluindo também as potências intelectivas, e o nível do "quies" ou repouso espiritual.

Reza assim o comentário que se refere de modo especial à terceira condição:

Specialmente acêrca da terceira condição se deve saber que, misticamente, per aquêlo que Cristo foi concebido e formado no ventre virginal per obra do Spíritu Santo, é significado aquêlo que spiritualmente é concebido e formado na pura voontade per obra do Spíritu Santo. Necessário e cumprido é que a voontade que há-de conceber o Verbo eterno seja virgem nom soo dos vícios, mas ainda das spécias das cousas criadas, e seer quite e afastada da deleitação delas e do corrompimento que elas fazem..." (p. 85)

Specialiter, autem, circa tertiam conditionem est sciendum quod mystice per hoc quod Christus conceptus et formatus fuit in utero uirginali per operationem Spiritus Sancti, significatur quod spiritualiter concipitur et formatur in mente pura eiusdem Spiritus Sancti operatione. Oportet, enim, mentem eterni Verbi conceptuam esse uirgineam, id est, nom solum a uitiiis, sed etiam a speciebus creaturarum rerum, et ab huiusmodi specierum delectatione et corruptione immunem esse et abstractam." (Fl. 19bv)

Em conformidade com o breve trecho transcrito, pelo termo "misticamente", ou "mystice" na versão de origem, é, citando, "significado aquêlo que spiritualmente é concebido e formado na pura voontade per obra do Spíritu Santo". Além disso, essa concepção espiritual está dependente da purificação da alma. Assim, a dimensão mística não é mais do que a concepção do mistério no espírito, e como acima se mencionou, o momento de união espiritual transformante. É este o sentido mais frequente, e o que perdurará na espiritualidade.

As variações semânticas expressas pelo vocábulo "místico", foram mantidas na versão portuguesa. De novo a tradução não se afasta do texto de base, o que é sinal do intento de o tradutor preservar o sentido essencial do texto latino.

A colação que efectuámos das duas versões, a original latina e a portuguesa, especialmente relativa a alguns aspectos de linguagem que orienta os diversos níveis de interpretação do texto bíblico, foi relativamente superficial. Contudo, deixa entrever que o esforço demonstrado pelo autor da versão portuguesa por encontrar as formas mais precisas e mais apropriadas para dar corpo às ideias de base do texto de Ludolfo teve, certamente, consequências na consolidação e na divulgação de uma linguagem especializada, habitualmente usada em exegese bíblica, e também na transmissão de princípios teológicos essenciais que enformam esses procedimentos hermenêuticos. Por isso, confirmamos que a *De Vita Christi* deve ser considerada no rol de obras que se afirmam pela sua extraordinária riqueza filológica e teológica.